

Falso Dilema

O Brasil entrou num processo de rejeição do Fundo Monetário Internacional que pode lhe custar mais do que a recessão, alegadamente obrigatória, se aceitar o receituário dessa instituição para corrigir os rumos de sua economia. Da forma como vêm sendo apresentadas as coisas, o dilema brasileiro é entre o FMI e a recessão.

Ora, ninguém em sã consciência pode admitir que o corte nos investimentos de capital estrangeiro de risco — uma consequência inevitável do estado atual de coisas — leva ao crescimento acelerado do Produto Interno Bruto. Nem, em nome da racionalidade, pode-se dizer que a falta de um acordo com os bancos credores melhora o perfil do comércio exterior brasileiro, ou resolve os problemas prementes e crescentes de importação de matérias primas vitais.

Por que então as resistências ao FMI e a um acordo que demonstre o interesse brasileiro numa convivência ordeira com o sistema financeiro internacional? Hoje está claro para todos os brasileiros que o país precisa de um programa interno de ajuste da sua economia. Não foi o Fundo Monetário que nos trouxe à situação atual; à falta de planos e de horizontes razoáveis para o crescimento econômico. O cruzado e suas peripécias não podem ser atribuídos ao FMI, nem a desaceleração que lá se manifesta nas atividades industriais, ou no comércio, e que começam a nos empurrar no rumo da estagflação. Não somos vítimas de um programa recessivo do Fundo, mas das opções econômicas internas onde, precisamente, as instituições internacionais foram mantidas ao largo.

Sem um programa de ajuste, o Brasil vai ao exterior dialogar com os bancos, mas ignorando realidades de mercado. Uma coisa é o país afirmar, para consumo interno, que quer capital novo. Outra é nada oferecer em troca dos riscos que a poupança livre e a poupança institucional estariam dispostas a tomar para voltar ao nosso tumultuado território político e econômico. Que retórica desejam, em resumo, os negociadores do Governo usar?

O Brasil é membro do Fundo Monetário, e se não quer se comportar como tal, então que abandone essa instituição definitivamente. Se quer continuar como membro do FMI, não terá como fugir à negociação com o FMI de um programa coerente, que combine austeridade com as aspirações nacionais de desenvolvimento e fuga à recessão. Não está escrito em lugar nenhum que o preço

da volta ao FMI é igual ao enterro das aspirações brasileiras de crescimento e desenvolvimento econômico e social. Este é o falso dilema.

O que está claro, isto sim, é que existem resistências gigantescas a qualquer programa interno de ajustes, capaz de atacar os problemas em suas raízes, particularmente quando tocam na obesidade do Estado brasileiro, de sua máquina burocrática e de alguns interesses políticos meramente demagógicos. Dá frutos lutar contra um acordo com o Fundo, mas para os radicais de esquerda, e em cima desses frutos monta-se boa parte da estratégia anti-FMI.

O preço efetivo do prolongamento desse quadro é a contaminação de todo o nosso relacionamento externo, a começar pelos créditos abertos a curto prazo, estimados em cerca de 5 bilhões de dólares no chamado **money market** e outros 10 bilhões em linhas comerciais, quando entramos no processo de moratória da dívida externa. A confusão criada deve empurrar definitivamente para fora dos nossos cofres alguns bilhões, quer queiram os bancos grandes ou não, porque o mercado de capitais é formado de pequenos poupadões, pequenos especuladores e pequenos bancos que não se comovem com argumentos de pobreza ou subdesenvolvimento.

A fuga desse dinheiro, por si só, pode significar mais que o **new money** pelo qual alguns economistas adeptos da moratória ou de um **endurecimento** com os banqueiros externos estavam se batendo. Ficamos sem o **new money** e perdemos mais ainda em créditos de curto prazo. Qual a lógica em tudo isso?

Para ir ao FMI o Brasil não precisa entrar na recessão. Que o Estado endividado e obeso faça seus sacrifícios, deixando a economia privada investir e tomar riscos. Não podemos combinar um quadro interno, que resvala para a indisciplina generalizada, com um cenário externo de total falta de comprometimento com metas razoáveis para os nossos credores. Enquanto o cenário continuar dessa forma, com o Presidente sendo pressionado por diferentes grupos comprometidos apenas com seus próprios interesses, será difícil acreditar no desenvolvimento econômico a longo prazo. Ao contrário de evitarmos a recessão que não se quer, podemos estar abrindo a estrada para uma caminhada mais paradoxal ainda: a recessão ou a estagflação, sem os créditos que poderíamos obter com o FMI.